

TRIBUTO

Marcelino dos Santos (20 de Maio de 1929 - 11 de Fevereiro de 2020)

Co-fundador da FRELIMO e considerado herói nacional em Moçambique, era também o último representante dos fundadores do Movimento Anti-Colonialista (MAC) que em 1961 deu origem à Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), na vanguarda da luta comum contra o colonialismo português.

● ASSOCIAÇÃO TCHIWEKA DE DOCUMENTAÇÃO (textos) ● ARQUIVO DE LÚCIO LARA (fotos)

Moçambique perdeu um dos seus mais distintos combatentes da luta pela independência. Mas Marcelino dos Santos era não só um dos últimos fundadores vivos da FRELIMO e herói nacional moçambicano, ele era também o último sobrevivente do grupo fundador do Movimento Anti-Colonialista (MAC), que em 1957 congregou, entre outros, Agostinho Neto, Lúcio Lara, Viriato da Cruz, Mário de Andrade e Eduardo Macedo dos Santos. O MAC daria origem à Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas (FRAIN) e, mais tarde, à CONCP (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas), que manteria viva a chama da luta comum contra o colonialismo português.

Em Dezembro de 2013, no quadro do Projecto da Associação Tchiweka de Documentação “Angola – Nos Trilhos da Independência”, na localidade de Xai-Xai banhada pelo Oceano Índico, a norte de Maputo, o mais-velho Marcelino dos Santos, então com 84 anos, partilhou memórias e reflexões ao longo de três dias de conversa. O que aqui apresentamos se baseia em alguns extractos dessa extensa entrevista. É uma modesta homenagem a esse grande combatente anticolonial e defensor do direito dos povos africanos a uma sociedade mais justa.

Nascido a 20 de Maio de 1929 no Lumbo, Província de Nampula, mais de mil e quinhentos quilómetros a norte de Maputo (então Lourenço Marques), Marcelino dos Santos era filho de um operário mestiço dos caminhos-de-ferro (de pai originário do Punjab indiano e de mãe moçambicana) e de mãe também mestiça (filha de um escocês e uma moçambicana) ambos nascidos em Lourenço Marques.

Faz os estudos primários no Lumbo e aos 9 anos, em 1938, segue com os pais

para a capital onde continua os estudos e começa, empiricamente, a sentir a discriminação, o complexo racial e a separação de classes existentes entre as próprias crianças.

Com o fim da 2.ª Guerra Mundial, já na Escola Técnica, e ligado a movimentos desportivos e associativos de mestiços, vai amadurecendo a sua necessidade de defender uma igualdade entre todos os grupos raciais, contra a legislação e a cultura segregacionistas existentes sob a dominação colonial.

“Na prática era isso que acontecia: nós queríamos os mesmos direitos. Bom, isso não aparecia claramente... Nós dizíamos que “Não têm nada a ver, não somos como vocês”, não dizíamos (porque não se podia dizer) [que éramos] contra o colonialismo português. Mas o facto é que não nos sentíamos ligados com os brancos mas com os outros sim. (...) Naquelas alturas de 1950, muita efervescência política havia que não se sentia, só mais tarde revendo as diversas actividades (...) é que eu compreendi que aquilo eram comportamentos ditados pela nossa vontade de pormos os Portugueses fora de nós. (...) Então nós tínhamos a Associação Africana, que junta-

«Na prática era isso que acontecia: nós queríamos os mesmos direitos. Bom, isso não aparecia claramente...»

va os negros assimilados, os indianos, os mulatos e os brancos naturais da colónia. E naquela altura nunca me tinha dado conta [de que] a grande maioria dos Moçambicanos, quer dizer 95 a 98%, estava excluída desta vida da sociedade que juntava os mulatos, os indianos, os assimilados e os brancos todos. É que ninguém se ocupava dos “indígenas” (...).”

Quando em 1947 vai estudar para Portugal, com os recursos reunidos pela família, já parte com a ideia de que era “moçambicano” e não “português”. Vive na casa de um parente e é através de Luís Mota do Amaral que conhece Agostinho Neto e Lúcio Lara (chegados na mesma altura a Portugal) assim como Amílcar Cabral, Noémia de Sousa e Mário de Andrade.

“Foi aí que começamos as grandes discussões, porque eu trazia comigo (...) a vontade, o desejo de lutar... Mas eu era contra a guerra. Eu não queria participar na luta armada. Então houve um grande debate em que toda a gente se opôs a mim porque eu teimava em dizer “não, não, não”. Isso durou uns tempos, não mais de um mês, porque eram uns debates que tínhamos na Casa dos Estudantes do Império, mas depois eu rendi-me (...) à necessidade de realmente lutar... Foi esse momento que me pôs já na estrada, sendo uma estrada do futuro.”

Com os companheiros de então, frequente a Casa dos Estudantes do Império (CEI) e milita no MUD-Juvenil (Movimento de Unidade Democrática, contra o regime de Salazar), chegando a ser detido numa das manifestações pela Paz realizada em finais dos anos 40. É por essa altura que tomam consciência de que a luta anticolonial era o objectivo principal, enquanto a luta antifascista seria uma questão prioritária para os nacionais portugueses.

Marcelino dos Santos integra o Centro

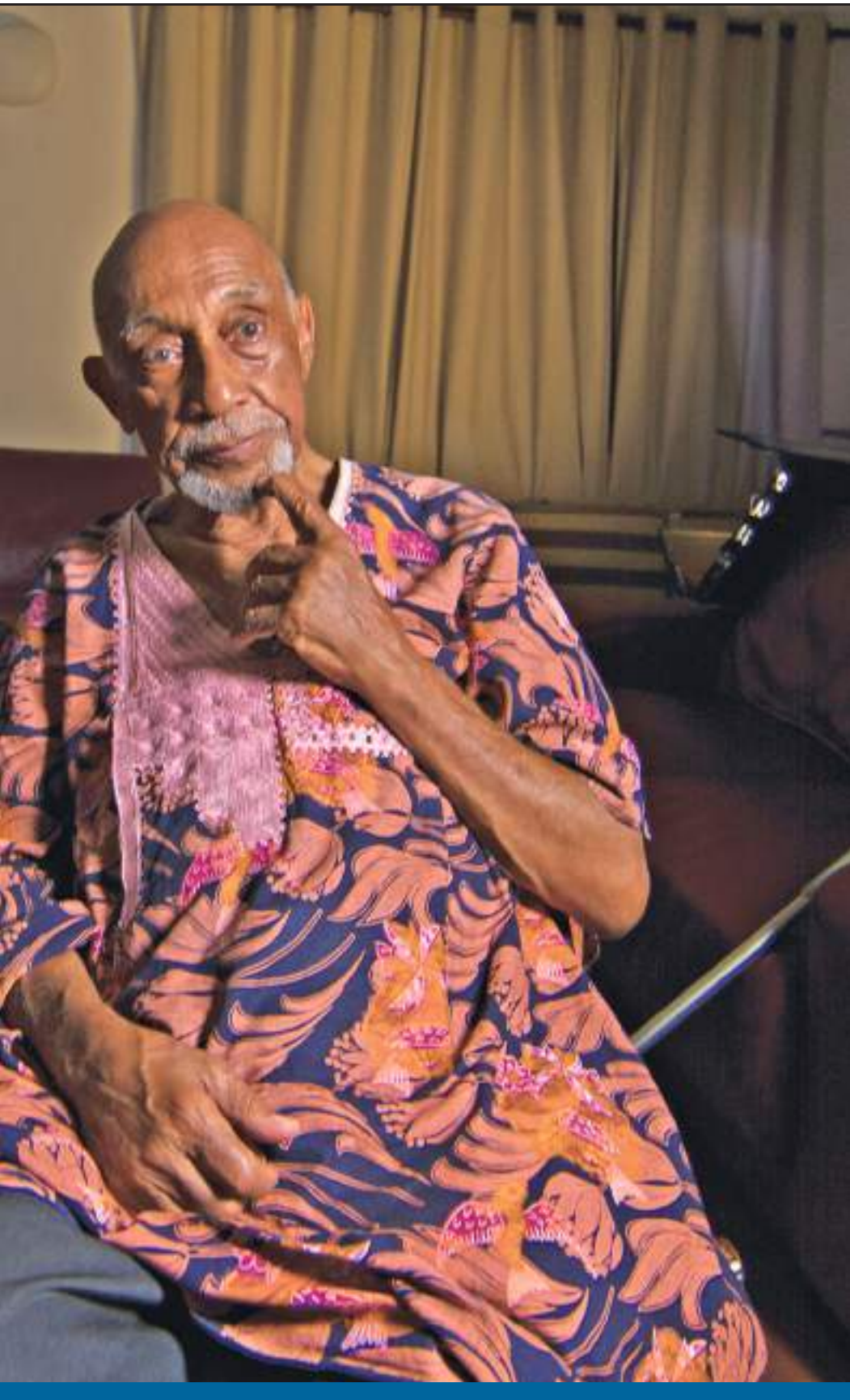


Marcelino dos Santos, líder histórico da FRELIMO

de Estudos Africanos e convive com os trabalhadores africanos da marinha mercante portuguesa, no que viria depois a ser o Clube Marítimo Africano. Chocaram-no os preconceitos elitistas de certa juventude “intelectual” africana em Portugal. “E foi talvez um dos grandes momentos da minha luta pessoal...”

“Foi nesse tempo que estive com o camarada Presidente Agostinho Neto e outros a lutar no Marítimo (...) Vários camaradas não quiseram entrar no Marítimo porque eles eram “intelectuais”, estudantes, não podiam misturar-se com os companheiros, com os marítimos, com os trabalhadores do porto. Nós ficámos um pouco tristes e talvez zangadíssimos por ver compatriotas nossos (...) que recusavam estar com os marinheiros, somente porque eles eram marinheiros.”

Em 1951 segue para França, onde convive com Mário de Andrade e o goês Aquino de Bragança, permanecendo ali até 1960. Entretanto, com Agostinho Neto, Vasco Cabral (da Guiné-Bissau), Guilherme do Espírito Santo (de São Tomé) e outros integra o grupo do MUD-Juvenil português chefiado por Aurélio dos Santos, que, em



1953, vai participar no IV Festival Mundial da Juventude em Bucareste (Roménia). Conscientes da necessidade de levar a cabo uma luta anticolonial independente da luta antifascista portuguesa e influenciados pelos movimentos estudantis africanos na Europa, decidem afastar-se do grupo português e desfilar em representação de cada um dos países colonizados.

“Nós tivemos a discussão entre nós (...). Eh pá, nós estamos muito atrasados [em relação] à posição dos africanos aqui em França. Eu tenho muitos colegas franceses (...) eles vão criticar-nos e condenar-nos (...). Nós não podemos aceitar a tutela dos Portugueses (...). Nós vamos dizer que já não somos parte de Portugal. Foi com esse espírito e desta maneira que solicitámos o encontro com o secretário, com o chefe da delegação que era o camarada Aurélio do Partido Comunista Português. Foi muito doloroso. Nós sentimos que tinha sido um momento bastante doloroso para os nossos camaradas portugueses, em particular para o chefe da delegação. Mas nós insistimos. E foi então que, para tornar a coisa menos dura,

chegámos [à decisão que] “aqui dentro nós vamos ficar todos MUD Juvenil, mas para fora é cada um por si”. E foi assim que se formou esse grupo de Moçambique, Angola, etc. (...). Depois disso nunca mais nos ligámos, quer dizer, aparecemos no mundo fora como nós próprios. Portanto, foi um momento histórico (...). Foi a primeira vez na história que os nossos países apareceram ao mundo inteiro! (...) Mas para os Portugueses, nós sentimos que tinha sido bastante dolorosa a quebra do laço, do cordão umbilical. Foi assim que nós vivemos aquele momento.”

Também homem de letras, usando os pseudónimos de “Kalungano” e “Lilinho Micaia”, com poemas publicados no Brado Africano de Moçambique e em Antologias da CEI em Portugal, Marcelino dos Santos participaria na década de 50 em vários encontros internacionais de escritores, nomeadamente em Paris (França), em Tashkent (ex-União Soviética) e em Roma (Itália).

Com o Rei Mohamed V no poder em Marrocos, este país apoia as lutas anticoloniais e Marcelino instala-se ali em 1960, tornando-se o primeiro Secretário-Geral



Marcelino, em Dar es Saalam, Tanzânia, com Agostinho Neto e Amílcar Cabral, em 1970



Marcelino, na sede da CONCP, em Marrocos, com Mandela (ANC), Mário de Andrade (MPLA)

«Ele disse: ‘Vocês angolanos são difíceis! Vocês já têm gente lá, agora vocês querem tudo! Não, não, não, o Secretário-Geral vai ser Marcelino dos Santos’»

da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), criada em Abril de 1961. Na sua memória guardou a lembrança de dificuldades surgidas pelo facto de os angolanos pretenderem o cargo:

“Durante a reunião houve um debate sério, e eu não entrei no debate mas o Aquino

[de Bragança] entrou nele como um leão. Ele disse: “Vocês angolanos são difíceis! Vocês já têm gente lá, agora vocês querem tudo! Não, não, não, o Secretário-Geral vai ser Marcelino dos Santos”. Então debateram, debateram, finalmente, juntamente com Aristides Pereira, todo o mundo inclinou-se para mim”.

Marcelino esteve ainda ligado à formação do primeiro Comité Director do MPLA em 1960, como um dos Conselheiros Políticos, tal como Amílcar Cabral.

É na qualidade de Secretário-Geral da CONCP que acolhe vários jovens fugidos de Portugal, entre os quais se destaca Agostinho Neto. Está nessa altura com Mário Pinto de Andrade e testemunha a transição da presidência do MPLA para Neto:

“O que eu acompanhei foi a demissão do camarada Mário de Andrade a dizer “Bom, agora chegou aquele a quem se deve entregar o lugar de Presidente”, que era o Presidente Neto. Isso lembro-me perfeitamente. (...) Agora, as outras peripécias não posso dizer quais foram, mas que um gesto dele próprio, do Mário Pinto de Andrade, foi um gesto muito importante e que nós apreciamos”.

MARCELINO DOS SANTOS: «A luta contra o racismo e o tribalismo no nosso país e na nossa FRELIMO ainda não morreu»

Acompanha posteriormente, sem se intimidar, as crises que surgem no MPLA, mas diversos testemunhos confirmam que tenta uma aproximação entre Agostinho Neto, já Presidente, e Viriato da Cruz e Mário de Andrade em Marrocos. Ficaria afectado principalmente pelo temporário auto-afastamento do seu grande amigo Mário de Andrade:

“O Mário de Andrade era um camarada, era um “copain” (...) era um homem... era um intelectual mesmo, de fogo! É claro que não era um intelectual que a gente pudesse dizer “o grande intelectual revolucionário” porque tinha muitas insuficiências. Mas era um grande intelectual. E eu disse [a um próximo]: “Olha, [o Mário] foi certamente um dos maiores intelectuais de Angola, mas político não foi nada, falhou”.

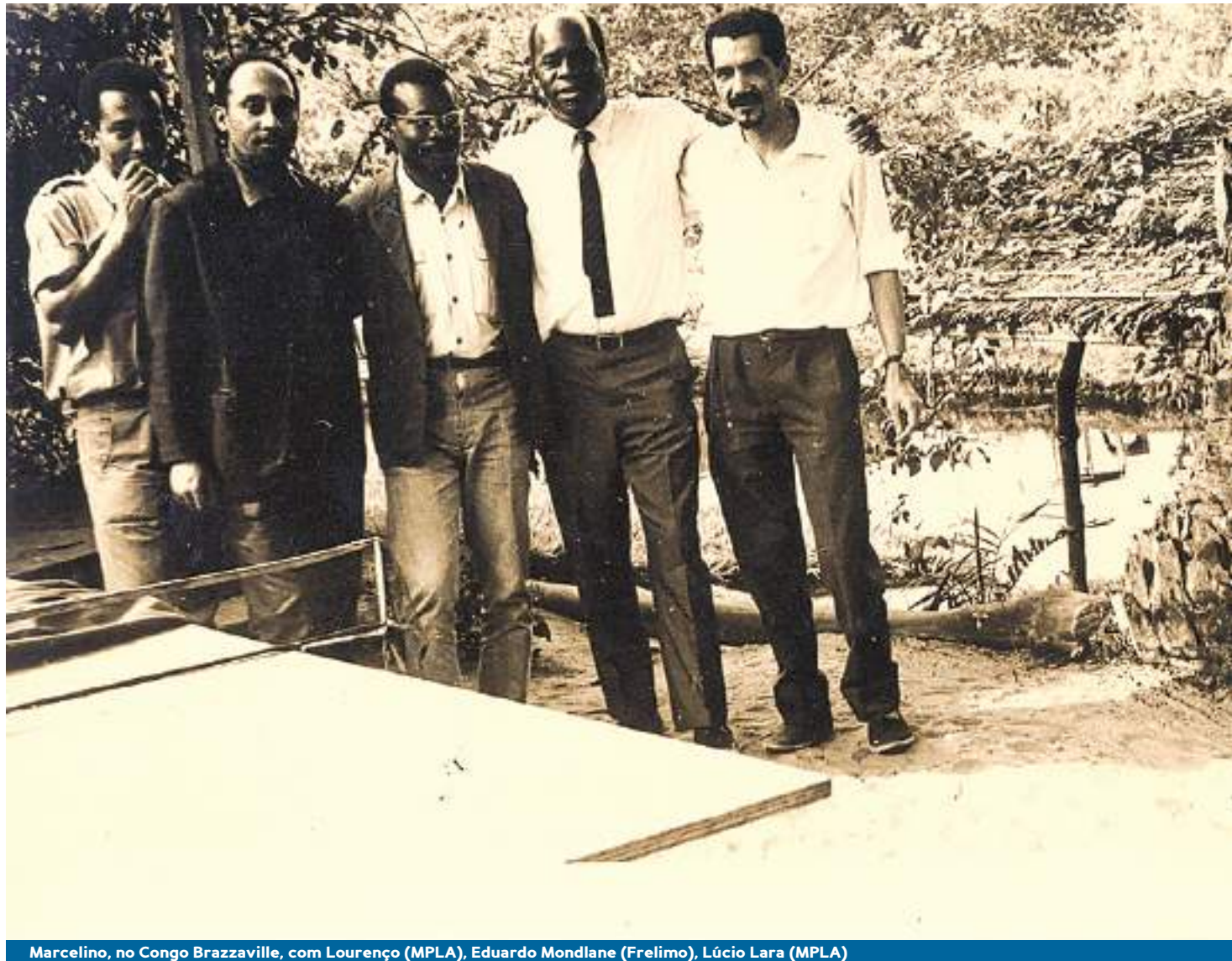
A 25 de Junho de 1962 e no seu 1.º Congresso em Setembro do mesmo ano, em Dar-es-Salaam, onde seria criada a FRELIMO, presidida por Eduardo Mondlane, Marcelino fica responsável pelas Relações Internacionais e é um dos mais próximos colaboradores do novo Presidente. Em Maio de 1963 acompanha a criação da Organização da Unidade Africana (OUA) e os esforços de Ben Bella (Argélia), Kwame Nkrumah (Ghana) e Julius Nyerere (Tanzânia) para a criação de um Comité de Libertação que apoiasse a luta armada dos que ainda estavam sob o jugo colonial. Ficou impressionado pelas fortes discussões entre Nkrumah e Nyerere para terem a sede do Comité nos seus países:

“Você ficava orgulhoso da África... de ouvir aqueles dois a falarem. Era gente que pegava na palavra, exprimia a palavra e avançava... Kwame Nkrumah e Julius Kambarage Nyerere!”.

A 3 de Fevereiro de 1969, acabado de chegar a Dar-es-Salaam, é surpreendido com a notícia do assassinato do Presidente Mondlane ao accionar uma bomba enviada pelo correio. Meses depois, após a criação de um triunvirato para dirigir a FRELIMO, de que faziam parte Samora Machel e Marcelino dos Santos, estes são eleitos pelo Comité Central para Presidente e vice-Presidente, respectivamente.

Ao longo dos anos compartilhou batalhas diplomáticas com camaradas angolanos em diferentes arenas internacio-

«O racismo, o tribalismo, a corrupção, está tudo ligado. Mas neste período, neste tempo de capitalismo, a luta é muito mais difícil...»



Marcelino, no Congo Brazzaville, com Lourenço (MPLA), Eduardo Mondlane (Frelimo), Lúcio Lara (MPLA)

nais, como em Cuba na criação da Tricontinental em 1966, ou em diversas conferências na URSS e países do Leste europeu, ou ainda na famosa Conferência de Solidariedade organizada em 1970 em Roma, quando Marcelino, Neto e Cabral foram recebidos pelo Papa Paulo VI.

A 25 de Junho de 1975, com a proclamação da República Popular de Moçambique, Marcelino dos Santos, vice-Presidente da FRELIMO, foi designado ministro do Desenvolvimento e Planificação Económica. A 11 de Novembro daquele ano, é ele quem representa Moçambique nas festividades da Independência de Angola.

Com a formação do Partido Frelimo em 1977, é eleito membro do Comité Central (CC) e secretário do CC para a política económica. Ainda em 1977 é designado secretário permanente da Assembleia Popular de Moçambique. Em 1987, é eleito Presidente da Assembleia Popular e em 1994 deixa os cargos políticos.

Questionado sobre o legado da FRELIMO, Marcelino diria: “Não há dúvida nenhuma que personalidades como Samora Machel, como Mondlane e outros deixaram bem vencedora a necessidade de uma luta contra todos esses males, todos. Mas (...) apesar dessa força que nós pusemos na luta contra todos os racismos, tribalismos, não podemos dizer que tudo isso morreu. (...) O que

nós dizemos é que a FRELIMO não aceita nenhuma atitude nem racista, nem tribalista (...) A luta contra o racismo e o tribalismo no nosso país e na nossa FRELIMO ainda não morreu. Continua até hoje [e] a força contra esses males é grande, mas não podemos dizer que já estamos curados (...) Mas o que estragou Moçambique foi o voltar ao capitalismo. Porque esses males todos estão dentro, intrinsecamente ligados ao capitalismo. O racismo, o tribalismo, a corrupção, está tudo ligado. (...) Mas neste período, neste tempo de capitalismo, a luta é muito mais difícil...”

Crítico em relação à situação existente em Moçambique nos seus últimos anos de vida, Marcelino dos Santos mantinha os seus ideais socialistas: “Nós temos que nos dar conta de que é preciso prosseguir o combate para conseguirmos assegurar que os nossos filhos, os nossos continuadores [estejam] em condições de assumir as responsabilidades para fazer desenvolver o país. É uma tarefa que eu estou certo que vai continuar, mas que não é fácil. Se nós pegarmos nesta juventude que temos aqui hoje, temos uma discussão de difícil tratamento para fazer avançar... para os verdadeiros caminhos da Revolução. O que eu quero dizer é que estou convencido que, sem assumirmos inteiramente o socialismo, nós não vamos construir a Pátria de

«O que eu quero dizer é que estou convencido que, sem assumirmos inteiramente o socialismo, nós não vamos construir a Pátria de todos»

todos, e que é preciso que um trabalho forte seja feito de maneira a desenvolvermos esta ideia do socialismo. (...) Eu estou convencido que, se nós não fizermos muita força na afirmação do socialismo, nós não vamos realmente conseguir construir [o que pretendiam] aqueles que no passado fizeram a Revolução. Eu estou plenamente convencido.”

Associação Tchiweka de Documentação (ATD). Entrevista realizada por Paulo Lara com gravação audiovisual da Geração 80.